

QUALIDADE DE VIDA E TRABALHO: PERSPECTIVAS E POSSIBILIDADES**

Sônia Regina da Cal Seixas BARBOSA*

1. APRESENTAÇÃO

Este texto procura dar continuidade a reflexão que tenho desenvolvido em outros trabalhos¹ acerca das transformações sócio-ambientais e a qualidade de vida. Se por um lado, as diversas transformações (ambientais, econômicas, sociais e culturais) ocorridas na sociedade, aliadas às conseqüências para a qualidade de vida continuam assumindo peso significativo em minhas reflexões, por outro, tenho procurado explicitar uma categoria até então nas entrelinhas de minhas análises, qual seja, a dimensão do trabalho e suas conseqüências para a saúde do trabalhador.

Essa reflexão privilegia um aspecto bastante específico e precioso para o debate sociológico atual, ou seja: a chamada *crise* da sociedade do trabalho na contemporaneidade e a qualidade de vida

(*) Professora Dr^a do Dept^o de Ciências Sociais, Instituto de Ciências Humanas - ICH, PUC-Campinas e pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Ambientais, UNICAMP.

(**) Texto elaborado a partir das reflexões realizadas durante participação na mesa redonda: *As perspectivas da sociedade capitalista industrial e a saúde do trabalhador*, organizada pelo Dept^o de Terapia Ocupacional, Faculdade de Ciências Médicas, PUCAMP, 23 de novembro de 1995.

dos indivíduos que vivem e trabalham na sociedade industrial capitalista. E mais, a importância desse significado vincula-se à possibilidade que essa reflexão traz no sentido de, ao vislumbrarmos uma crise no sistema produtivo, nas formas de organização do trabalho, com a introdução de novas tecnologias, produzir novas perguntas pois são colocados em cena outros aspectos dessa mesma discussão: qual o significado dessa crise para um país como o nosso? Sua dimensão deverá ser analisada em função do prejuízo ou de novas possibilidades para o trabalhador? É possível construir um projeto social voltado à qualidade de vida dos trabalhadores?

Cabe ainda uma ressalva: essas considerações, não representam de modo algum conclusões sobre o tema; têm por objetivo um convite à reflexão e ao debate. A interface dessa análise caminha entre o pensar a problemática da sociedade do trabalho ao mesmo tempo que redimensiona o significado da mesma para a qualidade de vida do trabalhador. Desta forma, o texto está estruturado da seguinte maneira, em primeiro lugar, apresenta-se uma análise preliminar acerca das perspectivas teóricas sobre as transformações na sociedade e o significado do trabalho na atualidade e, em seguida, através de um exemplo de pesquisa anteriormente realizada² apresenta-se algumas considerações observadas em relação a qualidade de vida dos trabalhadores, do município estudado (Paulínia, SP).

2. ASPECTOS PRELIMINARES ACERCA DA CRISE DA SOCIEDADE DO TRABALHO

Pensar no conceito de crise sempre nos reporta à algo complexo e negativo. Mas será que, podemos esperar que a ruptura de situações tradicionalmente colocadas para a sociedade estarão sempre vinculadas a situações de extrema gravidade? Essa questão exige por parte dos cientistas sociais um aprofundamento, principalmente, quando se busca entender a dinâmica do processo de transformação por que passa a sociedade e que tem trazido várias especificidades de debate para a sociedade do trabalho.

De um lado alguns autores questionam o sentido da época em que estamos vivendo - capitalismo ou pós-capitalismo industrial; outros apresentam preocupações com as dimensões políticas do mercado e suas conseqüências para a organização do trabalho. Em outros, ainda, encontramos análises em torno de preocupações conceituais em relação as dimensões de crise da sociedade do trabalho e da sociedade industrial capitalista. Bell (1978)³ ao analisar a constituição da sociedade pós-industrial e as formas como esse processo influi em todos os setores da vida social, destaca três setores; a estrutura social (economia, tecnologia e sistema ocupacional); a política, que abrange a distribuição do poder, a resolução dos conflitos decorrentes das reivindicações e exigências dos indivíduos e dos grupos, e por último, a cultura constituindo o espaço do simbolismo expressivo e dos significados. A moderna sociedade industrial lida de forma diferenciada com essas três características; para a estrutura social o eixo básico é economizar; o eixo principal da política é a *participação* e da cultura é o *desejo de realização e de aprimoramento do eu*. No entanto, no passado essas três áreas já estiveram mais próximas, ligadas por sistemas comuns de valores que hoje, apresentam-se cada vez mais separadas.

Para Bell, o conceito de sociedade pós-industrial abrange cinco dimensões: a mudança de uma economia de produção de bens para uma de serviços (setor econômico); preeminência da classe profissional e técnica (distribuição ocupacional); centralidade do conhecimento teórico como fonte de inovação e de formulação política para a sociedade (eixo central); controle da tecnologia e a distribuição tecnológica (orientação futura) e a criação de uma nova *tecnologia intelectual* (tomada de decisões). O autor não acredita que as mudanças na estrutura social, via seus significados na economia, no sistema produtivo e nas novas relações entre teoria e prática da ciência e tecnologia, possam realizar uma interferência correspondente nas esferas políticas e culturais. Mas ao contrário, as mudanças na estrutura social suscitam problemas para o conjunto da sociedade.

Robert Kurz, em seu livro *Colapso da Modernização* (1992), analisando as perspectivas reais do capitalismo ocidental atual, nos coloca de imediato a dimensão de uma crise da economia mundial, ao mesmo tempo que utiliza o conceito trabalho como paradigma central desta dimensão, fato esse de certa forma óbvio, se pensarmos que as diferentes sociedades tanto na perspectiva da produção capitalista quanto da socialista estão organizadas pelo trabalho. Por outro lado, nos alerta ainda o autor que, hoje, o trabalho, ou seja, os recursos humanos e materiais, simbolizados pela força de trabalho, instrumentos, máquinas, matéria-prima e materiais, deixaram de ser simples componentes do *metabolismo entre os homens e a natureza*, (como julgava Marx) e que serviam para satisfação das necessidades humanas básicas. Todos esses símbolos são transformados em dinheiro. Assim, lembra o autor, somente desta forma o dinheiro torna-se capital (fenômeno inscrito na modernidade) e *o trabalho, passa a ser definido também como atividade que, de maneira igualmente estranha, traz sua finalidade em si mesma* (Kurz, 1992: 27). Ou seja, todos os valores fundantes da sociedade capitalista industrial transformam-se em capital, bem em si mesmo, finalidade em si mesmo.

Ricardo Antunes (1995), traduz a crise da sociedade do trabalho ou do capitalismo contemporâneo em uma múltipla processualidade. Alerta o autor que, de um lado verificou-se a desproletarização do trabalho industrial fabril (nos países de capitalismo avançado e em áreas industrializadas do terceiro mundo), ou seja, houve uma diminuição da classe operária industrial tradicional. De outro vivencia-se uma sub-proletarização intensificada, presente na expansão do trabalho parcial, temporário, precário, subcontratado, terceirizado. E por último, *talvez o mais brutal resultado dessas transformações é a expansão sem precedentes na era moderna, do desemprego estrutural que atinge o mundo em escala global*" (Antunes, 1995: 41). O significado desse desemprego estrutural, sem dúvida está inaugurando uma discussão sem precedentes na Sociologia contemporânea, em função de que, por um lado apresenta uma

diferenciação na organização, com perdas significativas para os padrões de consumo e de sobrevivência do homem, por outro questiona a essência do trabalho como entidade que fundamentou por 100 anos o papel do homem frente à sua realidade social.

Assim, esse momento histórico é chamado pelo autor de *processualidade contraditória*, caracterizado por redução do operariado industrial e fabril; aumento do sub-proletariado, do trabalho precário e do assalariamento no setor de serviços; incorporação do trabalho feminino e exclusão dos mais jovens e mais velhos, ocorrendo desta forma na classe trabalhadora heterogeneização, fragmentação e complexificação.

Nessa linha de raciocínio, encontramos em Josué Pereira da Silva (1995) uma discussão também radical. Para o autor, a sociedade do trabalho, está calcada em quatro premissas fundamentais: a empresa industrial capitalista (a fábrica); o trabalhador (manual) assalariado; mercado de trabalho e uma ética do trabalho, que justificam como moralmente válidos não apenas a necessidade e o dever de trabalhar, mas toda a teia de relações que compõem esse conjunto de instituições.

Para o autor, a literatura corrente permite-nos concluir que a idéia do trabalho como organizador da vida social, construtor da sociedade ou da civilização do trabalho está estreitamente ligada à experiência histórica das sociedades ocidentais desenvolvidas (Europa e Estados Unidos), desde o início da revolução industrial. Assim, a noção de sociedade do trabalho em muito se assemelha à noção de sociedade industrial ou mesmo a de capitalismo industrial. Pois nestas sociedades a fábrica se constitui na unidade básica mais importante e o trabalhador manual seu principal agente no processo de transformação da natureza.

Pereira da Silva estabeleceu um diálogo íntimo com Bell, Habermas e Offe, na medida em que *questionam a atualidade da teoria marxista do valor trabalho*. Por outro lado, o autor aponta, ainda, para a análise feita por André Gorz, com relação a revolução

microeletrônica que é composta pelo conjunto de transformações tecnológicas atuais. Pode-se ressaltar que:

A revolução microeletrônica inaugura a era de abolição do trabalho. E essa era deve ser compreendida num duplo sentido: a) a quantidade do trabalho necessário decresce rapidamente até se tornar marginal na maior parte das produções materiais e das atividades de organização; b) o trabalho não implica mais um face-a-face do trabalhador com a matéria. A transformação desta não resulta de uma atividade imediata completa e soberana. (Gorz apud Silva, 1995: 176).

As novas condições criadas pela automatização da produção impõem até mesmo uma revisão na forma tradicional de cálculo econômico, pois o tempo do trabalho não poderá ser a medida do valor econômico. Ao mesmo tempo a automatização abole os trabalhadores e simultaneamente os consumidores, ou seja, a relação de sustentáculo da sociedade capitalista industrial.

Desta forma, esse processo de racionalização que transformou o homem através de sua relação com o trabalho, de trabalho concreto em trabalho abstrato, convertendo-o em trabalhador disciplinado, tem conseqüências significativas para o indivíduo e o conjunto da sociedade, podendo ser mensuradas detalhadamente em suas condições de existência:

A atividade produtiva foi esvaziada de seu sentido, de suas motivações e de seu objeto para se tornar meio de ganhar um salário. Ela deixou de fazer parte da vida para se tornar o meio de ganhar sua vida. O tempo de trabalho e o tempo de viver foram separados; o trabalho, seus instrumentos, seus produtos adquiriram uma realidade separada daquela do trabalhador e passaram a depender de decisões estranhas. A satisfação do obrar em comum e o prazer de fazer foram suprimidos em benefício somente daquilo que podia se transformar em dinheiro (Gorz apud Silva, 1995: 178).

Os elementos que Kurz, Antunes e Pereira da Silva oferecem para análise nos dispõem a aceitar a premissa de uma crise da sociedade do trabalho, muito embora não possamos abrir mão das colocações de Bell e da análise que faz das conseqüências das transformações na estrutura social provocadas pela economia, organização produtiva e tecnologias. Principalmente porque a sociedade industrial capitalista atual não oferece mais empregos para, pelo menos, aqueles que desejam trabalhar. Assim, o trabalho como veículo para a cidadania social está perdendo seu encanto e possibilidade porque não consegue oferecer trabalho para todos e compromete os principais fundamentos da sociedade do trabalho: o mercado de trabalho, o trabalhador, o trabalho e a própria ética do trabalho. Um bom exemplo sobre o desemprego estrutural é que aproximadamente de 35 a 50% da população trabalhadora britânica, francesa, alemã e norte americana encontra-se desempregada ou desenvolvendo trabalhos precários, parciais, o que é por Gorz chamado de proletariado pós-industrial (Antunes, 1995). Afinal qual o significado de tudo isso para a saúde do trabalhador? Qual a possibilidade do comprometimento para a saúde do trabalhador da crise da sociedade do trabalho?

Vários autores têm realizado abordagens diferenciadas sobre o comprometimento da saúde do trabalhador a partir das condições do trabalho, das condições do risco ambiental restrito ao ambiente fabril e mesmo das condições psicológicas que algumas profissões provocam sobre a vida do trabalhador⁴. Neste texto procurou-se trazer alguns elementos da situação do trabalho no contexto atual para auxiliar na compreensão das reais condições objetivas da vida do trabalhador. Para tanto abordaremos, no item a seguir, um exemplo de pesquisa realizada e alguns aspectos que nos auxiliem a analisar esse contexto.

3. QUALIDADE DE VIDA ENQUANTO PROJETO SOCIAL

A partir desta reflexão inicial, apresentarei uma dimensão concreta dessa análise na perspectiva do tema ambiente e qualidade

de vida⁵. E é a partir dessa premissa que o significado da crise da sociedade do trabalho e os alarmantes dados sobre o desemprego estrutural mundial são importantes para esse estudo.

Em pesquisa sobre moradores e trabalhadores de um pólo industrial na região de Campinas - município de Paulínia - (Barbosa, 1990), pude constatar o significado desta crise da sociedade do trabalho, traduzida nos signos fundamentais desta organização social, que alertei anteriormente e que tratarei a partir de dois de seus pilares: a ética nas condições do trabalho e a qualidade de vida do trabalhador.

Resumidamente pode-se dizer que o questionamento maior que encobre toda essa discussão está centrada num modelo de desenvolvimento no qual as condições básicas para se atingi-lo, ou seja, as esferas sociais, econômicas e culturais voltadas para o trabalhador não são prioridades. Haja vista, para o descaso com as políticas públicas essenciais como educação e saúde, bem como, com saneamento ambiental adequado. Muitos municípios com significativa importância no cenário nacional estão sendo transformados em vítimas.

O modelo de desenvolvimento mais fortemente estabelecido a partir da década de 1970 em nossa sociedade foi a construção de pólos industriais (petroquímicos), com uma industrialização pesada, maciça e degradante, não só em relação ao conjunto do ambiente social e bio-geográfico, mas também associada a riscos significativos e imediatos para as condições de saúde e a qualidade de vida dos trabalhadores e suas famílias. O exemplo a partir da experiência em Paulínia mostrou-me a seguinte constatação:

1. Os trabalhadores que se instalaram no município, oriundos muitos deles do meio rural não conseguiram fixar-se no trabalho industrial pelos seguintes motivos: falta de capacitação profissional para esse tipo de trabalho (ausência de escolarização mínima, procedência rural e com isso experiência em outro tipo de atividade produtiva sem prévia história de trabalho industrial); ou

seja, ausência total de um tipo específico de socialização para o trabalho industrial. Não podemos esquecer que a experiência concreta com o trabalho industrial é, no Brasil, recente, datado efetivamente na década de 50. A história do Brasil nos remete a uma realidade agrícola e rural;

2. Os trabalhadores efetivamente residentes em Paulínia quando muito, estão empregados em empreiteiras que sub-aloçam sua força de trabalho e não oferecem condições legais trabalhistas e nem de proteção à vida desses trabalhadores. Um exemplo marcante são as condições em que os mesmos desempenham atividades profissionais em condições mais árduas, como limpeza de caldeiras, contato com produtos químicos, aspiração de gases, transporte de combustíveis e de botijões, por exemplo, sem nenhuma proteção física para tal. Muitos destes trabalhadores ao serem entrevistados apontam para a diferenciação existente entre eles e os trabalhadores reconhecidos nas grandes indústrias (Petrobrás, Rhodia, etc.), realizando, estes últimos, serviços semelhantes mas com os aparatos de proteção física - botas, luvas, máscaras de proteção, etc. Os primeiros trabalham em chinelos de dedo e com roupas de uso próprio, que muitas vezes contaminadas chegam em seus lares e serão lavadas por suas esposas. Esse aspecto inclusive é apontado hoje como um elemento que dificulta análises de contaminação ambiental através da relação imediata com as condições de saúde dos trabalhadores do sistema produtivo, pois o que se percebe é que as roupas e os objetos de uso pessoal estão se comportando como veículos intercambiantes de elementos contaminantes entre a fábrica e o domicílio do trabalhador;

3. O risco ambiental e nas condições de trabalho é um fato, sendo muitas vezes camuflado pelo patrão e pelo trabalhador, com objetivos diferenciados é claro. No caso do trabalhador, pode ser conscientemente ou através de estratégias defensivas que o mesmo utiliza de forma inconsciente. Pode-se citar o trabalho de Dejours⁶ com relação a esse aspecto. Este autor aponta que o uso de equipamentos de proteção é muitas vezes repudiado pelo trabalha-

dor, pois a desinformação, associada aos símbolos da masculinidade/virilidade, não permitiria ao homem mostrar temor ou receio. Trabalhos posteriores junto aos sindicatos confirmam esse achado;

4. A forma como esses trabalhadores transportam objetos pesados, principalmente entre aqueles que trabalham nas engarrafadoras de gás liqüefeito, não respeitam as condições físicas objetivas da estrutura corpórea. Conseqüentemente dores lombares são um sintoma bastante presente nos serviços de saúde;

5. Ao nível das instituições municipais de saúde, percebe-se que os trabalhadores, inclusive porque não têm outro tipo de assistência médica, incham os serviços, que acabam sem condições objetivas, muitas vezes, de dar uma resposta satisfatória, porque a partir daí há uma outra faceta do ser humano que começa a dar sinais pontuais de comprometimento: as condições mentais da existência;

6. Esse comprometimento, não está só relacionado à esfera objetiva do trabalho, mas também a todo o aspecto simbólico de seu significado, ou seja, o trabalho enquanto elemento constituinte de cidadania social e provedor das condições materiais de subsistência, bem como, constituinte da própria ética que deve permear as relações do trabalho e das condições de vida do trabalhador. Esses aspectos compõem a categoria que denomino qualidade de vida e da qual o trabalho é elemento preponderante.

As colocações anteriores mostram que, as dificuldades que o trabalhador enfrenta no seu dia-a-dia possuem um aspecto importante, quer seja para o trabalhador enquanto indivíduo, quer seja na ótica da estrutura social e sua decorrência para a esfera política e cultural. Se por um lado, pensamos em crise como algo prejudicial ao conjunto da sociedade e à organização dos sistemas produtivos, por outro, não podemos deixar de admitir, que esse momento expressa uma possibilidade de amadurecimento das diversas formas de organização social. Nossa história de democracia e de soluções de problemas básicos sociais e políticos, sem descartar o próprio sistema econômico, não nos permite apontar, ainda, saídas estratégicas de solução.

Questões como cidadania e projeto de justiça social não estão resolvidos em nossa sociedade de forma satisfatória. Obviamente que há algumas perspectivas, mas são ainda pouco claras para o conjunto da sociedade. Diante desse fato, Bell (1978), nos aponta que:

Deparamo-nos assim com o paradoxo da expansão de uma economia capitalista mundial, enquanto em cada Estado-nação a ordem econômica vai-se subordinando progressivamente ao contexto mais amplo das decisões políticas (Bell, 1978: 537).

Essas decisões políticas é que nos dirão até que ponto o quadro atual de ausência de um projeto social - real - voltado para a qualidade de vida, poderá ser revertido e o encaminhamento de soluções imediatas para o conjunto dos trabalhadores poderá de fato ser alcançado.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há respostas totalmente adequadas e conclusivas para a problemática da melhoria da qualidade de vida e dos conflitos do trabalho na sociedade capitalista industrial. A partir desse quadro de referência e com essas indagações como pano de fundo, procurei analisar o significado do conceito de qualidade de vida para um universo mais ampliado, através de pesquisa onde figura uma amostra qualitativa dos moradores dos municípios de Campinas, Sumaré, Bragança Paulista e Piracicaba⁷, entendendo qualidade de vida como o conjunto de fatores (objetivos e subjetivos) que compõem as reais condições de existência dos indivíduos. Assim, buscase analisar através desta pesquisa⁸ de que maneira essas transformações nas esferas política, econômica, cultural e ambiental têm afetado a qualidade de vida dos indivíduos.

Finalizando, as análises sobre a saúde do trabalhador e as condições de trabalho são fundamentais à medida em que passam

diretamente pelas condições de justiça social, democracia e ética. Valores fundamentais para que as condições de vida e de trabalho possam ser tratados de forma abrangente. Pensar numa sociedade como a nossa com altas taxas de desemprego e com um número muito grande de trabalhadores envolvidos em atividades precárias, vivendo em péssimas condições de moradia, de saúde, de alimentação e de lazer, ou seja, um quadro bastante conhecido da nossa realidade, nos remete a buscar desenvolver modelos alternativos e interdisciplinares para analisar as reais condições dos trabalhadores e propor saídas. Saídas onde a democracia, a informação e a formação de profissionais voltados para a realidade imediata dos trabalhadores sejam prioritárias.

Ou, parafraseando Guattari:

Não haverá verdadeira resposta à crise (...), a não ser que se faça em escala planetária e com a condição de que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Esta revolução deverá compreender, portanto, não só as relações das forças visíveis em grande escala, senão, também, aos domínios moleculares da sensibilidade da inteligência e do desejo (Guattari, 1990)

NOTAS

(1) Reporto o leitor para BARBOSA, 1990; 1992 e 1992 (a).

(2) BARBOSA, 1990.

(3) Sugiro ao leitor consultar para maiores detalhes a Introdução e o Capítulo Primeiro (Da Sociedade Industrial à Pós-Industrial: teorias sobre o Desenvolvimento) In BELL, 1978.

(4) Reporto o leitor para alguns exemplos: REBECCHI, 1990. DEJOURS, 1988. CODO, 1993. SELIGMANN, 1992. DUARTE, 1988. SOUZA, 1984.

(5) Nos trabalhos recentes que tenho desenvolvido, às dimensões de qualidade de vida e ambiente, no sentido complexo que possui, vinculado não só ao espaço bio-geográfico, mas também as relações sociais estabelecidas nesse espaço estão presentes: BARBOSA, 1996.

(6) DEJOURS, 1988.

(7) BARBOSA, 1996.

(8) BARBOSA, 1996

BIBLIOGRAFIA DE REFERÊNCIA

- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao Trabalho? Ensaio sobre a Metamorfose do Trabalho e a Centralidade do Mundo do Trabalho.** Campinas/SP. Ed. UNICAMP/Cortez Editora, 1995.
- BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. **Industrialização, Ambiente e Condições de Vida em Paulínia, SP. As representações de qualidade ambiental e saúde para médicos e pacientes.** Dissertação de Mestrado em Sociologia, DCS, IFCH, UNICAMP, 1990.
- BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. *Ambiente, qualidade de Vida e Cidadania. Algumas reflexões sobre regiões urbano-industriais.* in: HOGAN, Daniel & VIEIRA, Paulo (org.). **Dilemas Socioambientais e Desenvolvimento Sustentável.** Campinas, Ed. UNICAMP, 1992.
- BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. *Salud, Ambiente y Ciudadania: el caso de Paulínia, Sao Paulo, Brasil.* **Revista Interamericana de Planificacion.** Volumen XXV, nº 98, abril-junio, 1992 (a).
- BARBOSA, Sônia Regina da Cal Seixas. **Qualidade de Vida e Suas Metáforas. Uma reflexão sócio-ambiental.** Tese de Doutorado em Ciências Sociais. DCS, IFCH, UNICAMP, 1996.
- BELL, Daniel. **O Advento da Sociedade Pós-Industrial.** Uma tentativa de previsão social. São Paulo, Cultrix, 1978.
- CODO, Wanderley (org.). **Indivíduo. Trabalho e Sofrimento.** Uma abordagem interdisciplinar. Petrópolis, Vozes, 1993
- DEJOURS, Christophe. **A Loucura do Trabalho. Estudo de Psicopatologia do Trabalho.** São Paulo, Cortez /Oboré, 1988.
- DUARTE, Luís Fernando. **Da Vida Nervosa, nas classes trabalhadoras urbanas.** Rio de Janeiro, ZAHAR/CNPq, 1988
- GUATTARI, Félix. **As Três Ecologias.** Campinas, Papirus, 1990.
- KURZ, Robert. **O Colapso da modernização.** Da derrocada do socialismo de caserna à crise da economia mundial. 2ª ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.

- REBECCHI, Emilio. **O sujeito frente à inovação tecnológica.** Automação e Trabalho. Petrópolis, VOZES/IBASE, 1990.
- SELIGMANN, Edith. *Saúde Mental e trabalho.* In: TUNDIS, Silvério e COSTA, Nilson, do Rosário (org.). **Cidadania e Loucura. Políticas de saúde mental no Brasil.** Petrópolis, VOZES, 1992
- SILVA, Josué Pereira. *A Crise da Sociedade do Trabalho em Debate.* **Lua Nova . Revista de Cultura e Política, nº 35, 1995.**
- SOUZA, Amaury(org.). **Qualidade da Vida Urbana.** Série Debates Urbanos. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1984.